

Nova Lei de Imprensa

RUBEM BRAGA

DIZEM que vem por aí uma lei contra a liberdade de imprensa, chamada «Estatuto de Responsabilidades», ou coisa que o valha.

Há quem se espante e até se assuste com isso; eu não. Essa lei é luxo só. Armado com o Ato Institucional número 2, o govêrno tem meios de liquidar com a oposição e a crítica onde e quando ela aparecer. Quem quiser pegue as Páginas Amarelas das Listas Telefônicas e leia os artigos 14, 15 e 16; verá que ninguém tem garantia de coisa alguma, seja civil, militar, congressista ou juiz — que dirá o pobre jornalista.

Se o marechal Castelo Branco entender amanhã, «no interêsse de preservar e consolidar a Revolução» que Fulano não deve escrever mais, basta-lhe cassar seus direitos políticos. Isso importará na «proibição de atividade ou manifestação sôbre assuntos de natureza política» e também em: «a) liberdade vigiada, b) proibição de freqüentar determinados lugares, c) domicílio determinado».

Isso é a letra da lei; na inteligência de seu mecanismo está implícito que o govêrno pode fazer coisas muito mais graves, pois se a Justiça não tem garantias de nenhuma espécie, qualquer cidadão está desamparado dos mais elementares direitos.

A lei de imprensa será, portanto, apenas um sintoma, uma indicação de que o govêrno vai aplicar a zôlha. Pode-se falar mal dêsse govêrno, mas é inegável que êle gosta muito de agir dentro da lei; sempre que êle quer fazer alguma coisa e alguém lhe explica que isso não está dentro da lei, êle se dá ao trabalho de modificar a lei para que aquela coisa caiba lá dentro. Chega a ser comovente. Se alguém disser que tal ou qual lei não é constitucional, êle altera a Constituição, para que fique sendo; e agora está fazendo o serviço completo: prepara uma nova Constituição, onde porá tudo que entender que deve ser constitucional. Manda quem pode e obedece quem tem juízo: esta a luminosa máxima filosófica da Revolução e do Poder Militar.

Eu por mim, já por temperamento, já pela idade, sou um homem de juízo. Não assino nenhum manifesto, nem documento de «frente ampla», nem restrita; nós, da esquerda melancólica, somos propensos ao individualismo. As vêzes fico aqui em casa, sozinho, pensando umas coisas. Outro dia me ocorreu, por exemplo, que lá por volta de 1944 seria difícil imaginar que aquêle coronel, chefe de operações da FEB, em luta contra o nazismo e o fascismo, seria um dia chefe de govêrno tendo como líderes os srs. Filinto Müller e Raimundo Padilha. Quando me vem uma idéia dessas, do ramo triste, enxoto-a logo; deixo a máquina de escrever e vou para a minha pequena horta arrancar tiririca ou repicar as couves; depois, sentado num banco, vejo a cambacica sorver o mel do balãozinho e o sabiá bicar tranqüilamente o seu mamão. Quando começa a escurecer, como não gosto de apanhar sereno, volto para dentro e ouço a «Voz do Brasil»; janto, assisto ao programa do Chacrinha, faço minhas orações e durmo.

As vêzes, é verdade, sonho. Sonho, por exemplo, que... Não, isso eu não conto; ao menos acordado sou um homem de juízo.

28/10/66